

O Objetivo Cósmico da Umbanda

© 1959 — Hercílio Maes

O Objetivo Cósmico da Umbanda
(Excerto de *A Missão do Espiritismo*)
Ramatis

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Fone: 19 3451-0143
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da Capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-455-3
1ª edição - 2018

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Ramatis (Espírito)

O Objetivo Cósmico da Umbanda / Ramatis
; obra mediúnica ditada pelo espírito Ramatis
ao médium Hercílio Maes. — Limeira, SP :
Editora do Conhecimento, 2018.

90 p.

ISBN 978-85-7618-455-3

1. Doenças - Causas 2. Carma 3. Medicina e
Espiritismo 4. Cura pela fé e espiritismo 5.
Vida espiritual I. Maes, Hercílio, 1913-1993.
II. Título.

18-

CDD — 133.93

Índice para catálogo sistemático:
1. Espiritismo : Umbanda 133.93

Ramatís

O OBJETIVO CÓSMICO DA UMBANDA

Obra mediúnica ditada pelo espírito
Ramatís ao médium Hercílio Maes

Coletânea de textos retirados das obras:
A Missão do Espiritismo

1ª edição — 2018



Obras de Ramatís editadas pela Editora do Conhecimento

Psicografadas por
HERCÍLIO MAES

- A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores - 1955
 - Mensagens do Astral - 1956
 - A Vida Além da Sepultura - 1957
- A Sobrevivência do Espírito - 1958
 - Fisiologia da Alma - 1959
 - Mediunismo - 1960
 - Mediunidade de Cura - 1963
 - O Sublime Peregrino - 1964
 - Elucidações do Além - 1964
 - Semeando e Colhendo - 1965
- A Missão do Espiritismo - 1967
 - Magia de Redenção - 1967
- A Vida Humana e o Espírito Imortal - 1970
 - O Evangelho à Luz do Cosmo - 1974
- Sob a Luz do Espiritismo (Obra póstuma) - 1999

Psicografadas por
SÁVIO MENDONÇA

- O Vale dos Espíritos - 2015
- Missão Planetária - 2016
- A Derradeira Chamada - 2017

Psicografada por
AMÉRICA PAOLIELLO MARQUES

- Mensagens do Grande Coração - 1962

Sumário

Introdução	9
Espiritismo e Umbanda.....	11

A Umbanda ainda é o vasilhame fervente em que todos mexem, mas raros conhecem o seu verdadeiro tempero.

Ramatís – *Mediunismo*

Introdução

Este livreto é muito oportuno ao leitor porque traz de volta, para sua apreciação e análise, informações claras e objetivas, bem ao estilo pedagógico de Ramatís, sobre a realidade das práticas umbandistas no Brasil, lembrando que ele foi, também, um dos partícipes do movimento originado no Astral, em remotas eras. Um capítulo inteiro da obra *A Missão do Espiritismo*, psicografada por Hercílio Maes há mais de 50 anos, e surpreendentemente muito atual, foi destacado aqui abordando os entraves e as divergências entre os muitos terreiros em nome de princípios doutrinários e ritualísticos próprios, enquanto sacrificam a autenticidade da Umbanda pela obstinação e pelo capricho da personalidade humana. Ramatís relembra que, não havendo sectarismo nem competição entre os espíritos benfeitores responsáveis pela espiritualização da humanidade, as polêmicas, os conflitos doutrinários, comuns entre os encarnados, são na verdade uma grande ilusão, pois aos mentores espirituais interessa desenvolver no homem o Amor que salva e o Bem que edifica. E que as lições que cada um recebe continuamente, muitas acima do seu grau espiritual, significam a “nova posição evolutiva” que o encarnado deverá assumir depois, quando terminar sua experiência religiosa em curso. Desse modo, que cada líder umbandista procure despertar para a necessidade de estudar e pesquisar sinceramente as “linhas mestras” da Umbanda, a fim de liberar-se do personalismo, da excentricidade, da vaidade, dos paramentos exóticos, das práticas fetichistas

e africanistas, para ir ao encontro do programa verdadeiramente esquematizado no Espaço, e então a Umbanda possa finalmente ser expressa e compreendida na sua elevada significação cósmica.

Ao finalizar este capítulo, ficará explícito aos frequentadores dos terreiros que pouco mudou no decorrer desses anos e o quanto ainda é preciso fazer para desapegar-se dos apetrechos materiais, das manifestações caricatas, e aprofundar-se no conhecimento oculto que permeia os procedimentos da Umbanda, a fim de descobrir-se o objetivo maior traçado pelo Alto, que é de unir a humanidade pelos laços da convivência fraterna e do amor incondicional, totalmente distante das doutrinas exclusivistas e divergências ritualísticas, que aliás deixarão de existir no futuro.

Espiritismo e Umbanda

PERGUNTA: — Como é que os mentores espirituais encaram o movimento de umbanda observado do Espaço?

RAMATÍS: — Evidentemente, sabeis que não há separação nem competição entre os espíritos benfeitores, responsáveis pela espiritualização da humanidade. As dissensões sectaristas, críticas comuns entre adeptos espiritualistas, discussões estéreis e os conflitos religiosos, são frutos da ignorância, inquietude e instabilidade espiritual dos encarnados. Os mentores espirituais não se preocupam com a ascendência do protestantismo sobre o catolicismo, do espiritismo sobre a umbanda, dos teosofistas sobre os espíritas, mas lhes interessa desenvolver nos homens o Amor que salva e o Bem que edifica.

Os primeiros bruxuleios de consciência espiritual liquidam as nossas tolas críticas contra os nossos irmãos de outras seitas. Em primeiro lugar, verificamos que não existe qualquer “equivoco” na criação de Deus, e, secundariamente, já não temos absoluta certeza de que cultuamos a “melhor” Verdade. Ademais, todas as coisas são exercidas e conhecidas no tempo certo do grau de maturidade espiritual de cada ser, porque o Espírito de Deus permanece inalterável no seio das criaturas e as orienta sempre para objetivos superiores. As lições que o homem recebe continuamente, acima do seu próprio grau espiritual, significam a “nova posição evolutiva”, que ele depois deverá assumir, quando terminar a sua

experiência religiosa em curso.

Obviamente, os mentores espirituais consideram o movimento de umbanda uma sequência ou aspiração religiosa muitíssimo natural, e destinada a atender uma fase de graduação espiritual do homem. A Administração Sideral não pretende impor ao Universo uma religião ou doutrina exclusivista, porém, no esquema divino da vida do espírito eterno, só existe um objetivo irredutível e definitivo — o Amor.

Em consequência, ser católico, espírita, protestante, umbandista, teosofista, muçulmano, budista, israelita, hinduísta, iogue, rosa-cruz, krisnamurtiano, esoterista ou ateu, não passa de uma experiência transitória em determinada época do curso ascensional do espírito eterno. As polêmicas, os conflitos religiosos e doutrinários do mundo não passam de verdadeira estultícia e ilusão, pois só a ignorância do homem pode levá-lo a combater aquilo que ele “já foi” ou que ainda “há de ser”. É tão desairoso para o católico combater o protestante, ou o espírita combater o umbandista, como em sentido inverso, pois os homens devem auxiliar-se mutuamente no próprio culto religioso, embora respeitem-se na preferência alheia, segundo o seu grau de entendimento espiritual.

É desonestidade e cabotinismo condenarmos a preferência alheia, em qualquer tributo espiritual da vida humana. Pelo simples fato de um homem detestar limões, isto não lhe dá o direito de reclamar a destruição de todos os limoeiros, nem mesmo exigir que seja feito o enxerto a seu gosto.

PERGUNTA: — E o que vós julgais da umbanda?

RAMATÍS: — Embora reconheçamos que o vocábulo triário umbanda, em sua vibração intrínseca e real, significa a própria “Lei Maior Divina” regendo sob o ritmo setenário o desenvolvimento da filosofia, ciência, religião e a existência humana pela atividade da magia em todas as latitudes do Universo, neste modesto capítulo referimo-nos à umbanda apenas como doutrina de espiritualismo de “terreiro”. Sabemos que a palavra umbanda é síntese vibratória e divina, abrangendo o conjunto de leis que disciplinam o intercâmbio do espírito e a Forma, em vez de doutrina religiosa ou fetichista. Ela é conhecida desde os Vedas e demais escolas iniciáticas

do passado, mas foi olvidada na letargia das línguas mortas e abastardada nos ritos africanos, passando a definir práticas fetichistas e atos de sortilégios. Em certos casos, chegaram a confundi-la com a própria atividade do mago negro.

Sem dúvida, ela deturpou-se na sua divina musicalidade e enfraqueceu a sua intimidade sonora na elevada significação de um “mantra” cósmico. Mas pela ancestralidade divina existente no espírito humano, umbanda será novamente expressa e compreendida na sua elevada significação cósmica, mercê do trabalho perseverante dos próprios umbandistas estudiosos e descondicionados do fetichismo escravizante de seita.

No entanto, nós prosseguiremos neste labor mediúnico, examinando umbanda somente em sua atual condição de sistema doutrinário mediúnico religioso.

PERGUNTA: — E que dizeis de umbanda, como “espiritualismo de terreiro”?

RAMATÍS: — Em face de nosso longo aprendizado no curso redentor da vida humana, almejamos que a doutrina espiritualista de umbanda alcance os objetivos louváveis traçados pela Administração Sideral.

Indubitavelmente, a umbanda, como seita, ainda não passa de uma aspiração religiosa algo entontecida, mas buscando sinceramente uma forma de elevada representação no mundo. Não apresenta uma unidade doutrinária e ritualística conveniente, porque todo “terreiro” adota um modo particular de operar e cada chefe ou diretor ainda se preocupa em monopolizar os ensinamentos pelo crivo de convicção ou preferência pessoal. Mas o que parece um mal indesejável, é consequência natural da própria multiplicidade de formas, labores e concepções que se acumulam prodigamente no alicerce fundamental da umbanda.

Aqueles que censuram essa instabilidade muito própria da riqueza e variedade de elementos formativos umbandísticos são maus críticos que, pela facilidade de colherem frutos sazonados numa laranjeira crescida, não admitem a dificuldade do vizinho ainda no processo da sementeira.

PERGUNTA: — Poderíeis usar de alguma imagem compa-

rativa que nos sugerisse melhor entendimento sobre a situação atual da umbanda?

RAMATÍS: — A umbanda é como um grande edifício sem controle de condomínio, em que cada inquilino vive a seu modo e faz o seu entulho. Em consequência, o edifício mostra em sua fachada a desorganização que ainda lhe vai por dentro. As mais excêntricas cores decoram as janelas ao gosto pessoal de cada morador; ali existem roupas a secar, enfeites exóticos, folhagens agressivas, bandeiras, cortinas, lixo, caixotes, flores, vasos, gatos, cães, papagaios e gaiolas de pássaros numa desordem ostensiva. Debruçam-se nas janelas criaturas de toda cor, raça, índole, cultura, moral, condição social e situação econômica, enquanto ainda chega gente nova trazendo novo acervo de costumes, gostos, temperamentos e preocupações, que em breve tentam impor aos demais.

Malgrado a barafunda existente, nem por isso é aconselhável dinamitar o edifício ou embargá-lo, impedindo-o de servir a tanta gente em busca de um abrigo e consolo para viver a sua experiência humana. Evidentemente, é bem mais lógico e sensato firmar as diretrizes que possam organizar a vivência proveitosa de todos os moradores em comum, através de leis e regulamentos formulados pela direção central do edifício, e destinados a manter a disciplina, o bom gosto e a harmonia desejáveis.

PERGUNTA: — Quereis dizer que, apesar da confusão atual reinante na umbanda, ela tende para a sua unidade doutrinária, não é assim?

RAMATÍS: — Apesar dessa aparência doutrinária heterogênea, existe uma estrutura básica e fundamental que sustenta a integridade da umbanda, assim como um edifício sob a mais flagrante anarquia dos seus moradores mantém-se indestrutível pela garantia do arcabouço de aço.

Da mesma forma, o edifício da umbanda, na Terra, continua indeformável em suas “linhas mestras”, bastando que os seus líderes e estudiosos orientem-se através da diversidade de formas exteriores, para em breve identificar essa unidade doutrinária iniciática. Os terreiros ainda lutam entre si e

atacam-se mutuamente, em nome de princípios doutrinários e ritualísticos semelhantes, enquanto sacrificam a autenticidade da umbanda, pela obstinação e pelo capricho da personalidade humana. É tempo de os seus líderes abdicarem do amor-próprio, da egolatria e interesses pessoais, para pesquisarem sinceramente as “linhas mestras” da umbanda, e não as tendências próprias e que então confundem, à guisa de princípios doutrinários.

PERGUNTA: — Considerando-se que a umbanda é de orientação espiritual superior, qual é a preocupação atual dos seus dirigentes, no Espaço?

RAMATÍS: — Os mentores da umbanda, no momento, preocupam-se em eliminar as práticas obsoletas, ridículas, dispersivas e até censuráveis que ainda exercem os umbandistas alheios aos fundamentos e objetivo espiritual da doutrina. Sem dúvida, uns adotam excrescências inúteis e abusivas no rito e características doutrinárias de umbanda, por ignorância, alguns por ingenuidade e outros até por vaidade ou interesse de impressionar o público. Inúmeras práticas que, de início, serviram para dar o colorido doutrinário, já podem ser abolidas em favor do progresso e da higienização dos “terreiros”. Aliás, a umbanda é um labor espiritual digno e proveitoso, mas também é necessário se proceder à seleção de adeptos e médiuns, afastando os que negociam com a dor alheia e mercadejam com as dificuldades do próximo.

Raros umbandistas percebem o sentido específico religioso da umbanda, no sentido de confraternizar as mais diversas raças sob o mesmo padrão de contato espiritual com o mundo oculto. Sem violentar os sentimentos religiosos alheios, os pretos velhos são o “denominador comum” capaz de agasalhar as angústias, súplicas e desventuras dos tipos humanos mais diferentes. São eles os trabalhadores avançados, espécie de bandeirantes desgalhando a mata virgem e abrindo clareiras para o entendimento sensato da vida espiritual, preparando os filhos e habituando-os a soletrar a cartilha da humildade, para mais breve entenderem a própria mensagem iniciática do espiritismo.

A umbanda tem fundamento, e quando for conhecido

todo o seu programa esquematizado no Espaço, os seus próprios críticos verificarão a comprovação do velho aforismo de que “Deus escreveu direito por linhas tortas”.

PERGUNTA: — Que quer dizer, em essência, o vocábulo umbanda?

RAMATÍS: — Etimologicamente, o vocábulo umbanda provém do prefixo AUM^[1] e do sufixo “BANDHÃ”, ambos do sânscrito, cuja raiz encontra-se nos famosos livros da Índia, nos Upanishads e nos Vedas, há alguns milênios.

A palavra Aum é de alta significação espiritual, consagrada pelos mestres do Oriente e sua pronúncia deve ser efetuada de uma só vez, num só impulso sonoro do suave para o grave profundo. As próprias confrarias católicas iniciáticas, principalmente os frades franciscanos, só o pronunciavam com excessiva reverência e veneração, dando-lhe o máximo de entonação mística nas suas orações coletivas e coros sacros. Em invocações de alto relevo espiritual, Aum é o próprio símbolo sonoro significativo da Trindade do Universo representando Espírito, Energia e Matéria, Pensamento Original, Amor e Ação, ou ainda Pai, Filho e Espírito Santo da Liturgia Ocidental.

Bandhã, em sua expressão mística iniciática, significa o movimento incessante, força centrípeta emanada do Criador, o Ilimitado, exercendo atração na criatura para o despertar da consciência angélica. Mais tarde também passou a significar a “Lei Maior Divina”, poder emanado do Absoluto. Em consequência, o prefixo Aum e o sufixo Bandhã constituíram a palavra Aum-bandhã, a qual, pronunciada na forma de um “mantra” nos círculos e confrarias iniciáticas do Oriente aproxima-se melhor da sonorização “Om-bandá”, e que, em boa linhagem espiritual, passou a significar o finito no Infinito, a parte do Todo, o humano no Divino. Em certas fraternidades, o seguinte: “Aum, palavra sagrada do esoterismo oriental e cuja emissão em meditação, inextinguível, reiterada, sem limites, facilita as obras psíquicas e apressa a maturação do sexto sentido. É o emblema da trindade na unidade. Pronuncia-se: Om. Compõe-se de três letras: A, U, M. O A unido ao U dá Au ou O longo; e o U unido intimamente ao sinal de nasalidade (anuswáre) forma o som único Om. É interessante notar-se que este nome é formado das letras, Alpha, Ômega e My, que são a primeira, a última e a média do alfabeto grego. Na Cabala, as duas letras Aleph (primeira), e Men são letras mães. É palavra sânscrita, porém sua origem deve ser anterior à da raça ariana.

nidades esotéricas, Aum-bandhã possuía um sentido mais dinâmico, simbolizando o princípio impulsionador da Vida ou a incessante evolução do espírito.

Porém, é um tanto difícil dar-vos uma idéia exata da significação mística dessa palavra “sânskrita”, se a examinarmos sob o critério fortemente objetivo dos povos ocidentais. Os iniciados orientais imprimem a sua vontade dinamizada pela força espiritual sobre certos vocábulos ou “mantras”, já consagrados num curso esotérico, e os transformam em detonadores psíquicos para lhes proporcionar maior amplitude na auscultação dos atributos da Divindade. Assim, a palavra “Aum-bandhã” consagrou-se como uma convenção léxica e sonora, cuja pronúncia insistente termina por sensibilizar o ser, predispondo-o vibratoriamente para o mais breve conhecimento intuitivo do Espírito de Deus. Mas a sensibilização psíquica sob a força mântrica dessa palavra também varia de acordo com a graduação espiritual dos seus cultores.

PERGUNTA: — Então a umbanda, conhecida no Brasil como espiritismo de terreiro, tem sua origem na mística do vocábulo “Aum-Bandhã”, que é um símbolo espiritual tão elevado entre os povos orientais?

RAMATÍS: — A palavra “Aum-Bandhã” consagrada pela filosofia oriental e do hinduísmo iniciático, difere grandemente de “umbanda”, seita ou doutrina religiosa de práticas mediúnicas originárias das selvas africanas.

PERGUNTA: — Mas que dizeis da semelhança existente entre “Aum-Bandhã” do orientalismo iniciático e Om-Bandá ou umbanda, doutrina que no Brasil é conhecida por trabalhos de terreiros?

RAMATÍS: — Em face da exiguidade de espaço, não podemos esmiuçar os motivos pelos quais a expressão sânskrita “Aum-Bandhã”, da terminologia iniciática do Oriente, derivou-se sendo ajustada à doutrina de umbanda praticada no Brasil. Evidentemente, o vocábulo Aum talvez tenha penetrado nas florestas africanas levado por algum contato egípcio ou hindu, com os negros; mas a verdade é que o radical “mbanda”, de origem banto, também não passa de corruptela do termo *umbanda* de procedência sânskrita.

Em consequência, por um fenômeno comum de generalização, mais tarde fundiram-se numa só qualificação tanto o poder incondicional do sacerdote negro sobre os elementos da natureza, a sua autoridade entre o mundo e Aruanda^[2] como todas as atividades religiosas e práticas mediúnicas africanas na invocação dos espíritos. Assim, entre os próprios povos nagôs e de Angola, praticar umbanda era curar com remédios, consultar o futuro através de conchas, vísceras animais ou resíduos de alimentos, usar de meios sobrenaturais, consultar os mortos, invocá-los como protetores nas guerras, lidar com os espíritos da natureza e fazer encantamentos, preparar objetos, animais e sacrifícios sangrentos para o êxito de ligação entre o mundo oculto e a matéria.

Não importa se houve deturpação do vocábulo iniciático sânscrito de umbanda, ou se foi adjudicado o prefixo Aum à corruptela “mbanda”, familiar do negro banto. O certo é que todas as práticas africanas e atividades dos sacerdotes negros, cujo poder se exercia acima do poder dos próprios reis da tribo, enfeixavam-se dentro de uma sonância vocabular correspondente à palavra umbanda.

PERGUNTA: — A maioria dos umbandistas assegura que a umbanda é originária dos ritos ou atividades iniciáticas dos hindus ou egípcios. Que dizeis?

RAMATÍS: — É provável que alguns entendidos do hermetismo egípcio e da escolástica hindu pretendam provar que a atual doutrina umbandística provenha diretamente do sentido original e iniciático de umbanda, como a “Lei Maior Divina” subentendida nas velhas iniciações. Mas a verdade é que entre os africanos, a sonância de tal palavra nada tinha de iniciática ou significação de legislação cósmica; porém, abrangia a vulgaridade das práticas mediúnicas fetichistas, no intercâmbio ritualístico com espíritos primários e os elementais da natureza, assim como toda espécie de sortilégios, crendices e culto aos mortos.

No entanto, malgrado o protesto de alguns espiritualistas estudiosos, negando que os africanos houvessem manuseado o termo umbanda, o qual somente foi adjudicado à prática mediúnica de terreiros há pouco tempo, no Brasil, ninguém

[2] Aruanda - Céu dos civilizados.

pode negar que o grão-sacerdote, entre os povos de Angola, era conhecido por “Kim-banda-Kia-dihamba”, como o legítimo invocador dos espíritos e “Kimbanda-Kusaka”, quando era apenas feiticeiro ou curandeiro. Evidentemente, o termo “mbanda”, embora corruptela do binário final da palavra sagrada umbanda, já existia dominante nas práticas africanas, e, quiçá, posteriormente, acrescido do prefixo “aum” ou “om”.

Mais tarde, esse conjunto de práticas africanas, certa ou erradamente tachado de umbanda, mesclou-se no Ocidente, principalmente na América Latina, com outras crenças religiosas e influenciou-se com os costumes e o temperamento local de cada povo, embora até recebendo denominações diferentes e todas incluídas no mesmo estudo do africanismo.

Mas a verdade é que tais práticas fetichistas, ritos, dogmas, compromissos e exorcismos, não representam o espírito intrínseco ou iniciático do vocábulo “Aum-Bandhã”, no simbolismo de representar o aspecto trinário do Universo. Assim, as relações mediúnicas com espíritos de índios, caboclos, pretos e congêneres, nas práticas ritualísticas dos terreiros e conhecidas como de umbanda, só significam seita, doutrina ou movimento religioso com atividades mediúnicas de origem africana, num sentido exclusivamente benfeitor, e oposto ao que se presume ser quimbanda.

Apesar do louvável empenho dos umbandistas em atribuírem a origem de sua seita a fontes iniciáticas do Egito, da Caldéia ou da Índia, o certo é que a doutrina de umbanda atualmente praticada no Brasil deriva fundamentalmente do culto religioso da raça negra da velha África. Os seus princípios doutrinários não se vinculam à magia ou escolástica de qualquer ramo iniciático ou bastardo das religiões e cultos egípcios, hindus, caldaicos, assírios ou gregos. Eles são realmente frutos do “folclore”, dos provérbios, aforismos, das lendas, crenças populares, canções e tradições do negro africano. O vínculo do negro persiste implacável, apesar da penetração do branco e das tentativas dos ocidentais considerarem a umbanda uma seita exclusivamente originária de antigas confrarias do Oriente.[3]

[3] É oportuno frisar que Ramatis expõe apreciações em torno do movimento umbandista como ele está sendo praticado realmente na atualidade, de modo

PERGUNTA: — Por que também se diz “Linba Branca de Umbanda”?

RAMATÍS: — As tribos africanas, ignorantes e simples, antes do seu contato com a civilização, não tinham noção avançada do bem e do mal nas suas práticas mediúnicas e de feitiçaria. Já dissemos alhures que a moral e a conduta humana evoluem e variam de época para época; entre os antigos selvagens brasileiros era um bem comer a carne do guerreiro valente, assim como nas guerras dos civilizados é um bem matar o maior número de inimigos. No entanto, hoje é um mal ser antropófago; e amanhã será um mal matar o próximo.

Ademais, a feitiçaria entre os negros era praticada no sentido de encantamento, como processo técnico disciplinado pelas leis dinâmicas da magia. Não lhes ocorria na mente que estavam praticando atos perversos ou malignos, mas apenas servindo-se dos mais avançados recursos para a sua sobrevivência na face do mundo. O encantamento através de objetos, aves, animais, vegetais ou resíduos humanos fazia parte de sua luta heróica, imunizando-se contra as feras e os répteis, defendendo-se contra as calamidades da natureza e liquidando os inimigos. Em verdade, os homens civilizados também mobilizam outra forma de feitiço, empregando bombas atômicas, gases mortíferos, lança-chamas e até germes virulentos na magia negra do genocídio.[4]

Os africanos praticavam a magia indistintamente, como um processo de dinamismo e ação no controle das energias do mundo oculto, apoiados pelos seus “orixás” ou espíritos da natureza. Não distinguiam a magia negra como atividade maligna, ou a magia branca no sentido benfeitor; mas ape-

indiscriminado e apegado ao excesso de fetichismo. Mas já existe um número de prosélitos, embora pequeno, que cultua umbanda sob conceituações, ritos, doutrinações e histórico-social, cuja diferenciação para um sentido mais elevado os distingue como pioneiros da prática fundamental da umbanda do amanhã. É certo que tal modalidade, decorrente de uma pesquisa sensata e de maior autenticidade espiritual possível à significação mística e divina do próprio vocábulo *umbanda*, não atrai tantos adeptos, conforme é peculiar no gênero provindo dos cultos africanos e sincretizados aos princípios de outras religiões. Há que buscar, portanto, o íntimo da umbanda.

[4] Só o “feitiço” da bomba atômica causou a morte de 120.000 pessoas, na magia negra científica dos novos sacerdotes da Ciência, que dominaram as forças ocultas da natureza para fins malignos. Os magos africanos perdiam noites e noites no batuque para dinamizar as energias inferiores do Invisível; os magos negros modernos perdem dias fazendo o mesmo através de reatores e ciclotrons poderosos.